

**“EU NÃO QUERO VOLTAR SOZINHO”: DEFICIENTES VISUAIS E
HOMOSSEXUALIDADE A PARTIR DA INTERPRETAÇÃO DE UMA ESTUDANTE
DE PEDAGOGIA PORTADORA DE RETINOSE PIGMENTAR**

Fátima Marcarini da Silva
Faculdade Brasileira – UNIVIX
fatimamds@yahoo.com.br

José Raimundo Rodrigues
Faculdade Brasileira – UNIVIX
jrrzenga@yahoo.com.br

Introdução

A questão da diversidade sexual exige do educador uma postura crítica e comprometida com a transformação social. As mudanças sociais repercutem imediatamente no seio da escola e podem ser ali reforçadas ou reprimidas. Considerando que o ato de educar vincula-se primordialmente ao conhecimento do educando, permitindo-lhe acessar um mundo de informações acadêmicas, capacitando-o para o relacionamento social em posição de igualdade, assumindo sua cidadania.

A educação inclusiva tem avançado enormemente, colaborando para a inserção e integração do deficiente físico na sociedade, tendo como ponto de partida o seu empoderamento e autonomia através do aprendizado escolar. Procura-se atender os estudantes que apresentam alguma necessidade especial, considerando suas características e condições pessoais, respeitando as peculiaridades de seu processo de aprendizagem.

Optou-se aqui por uma aproximação entre homossexualidade e deficiência visual, buscando a partir da interpretação de um curta-metragem, apresentar como se dá o processo da descoberta da homossexualidade por parte de um deficiente visual. Deixando-se guiar por uma questão mais ampla chega-se à particular acima mencionada: “Como um deficiente visual experimenta a descoberta da sexualidade e de sua orientação homossexual?”

Vários trabalhos já foram realizados acerca da deficiência visual e sexualidade, a originalidade da proposta aqui apresentada é permitir que uma deficiente visual interprete

uma obra cinematográfica que trata especificamente da homossexualidade. Em relação aos deficientes físicos a sexualidade foi historicamente anulada, pois não era admissível que eles a vivenciassem. Atribuindo àqueles que fugiam aos padrões de “normalidade” e perfeição uma série de tabus, mitos, crenças e concepções relacionadas à proibição do prazer, impossibilitando-os também de amar e sentirem-se amados (MAIA, 2006, p. 33).

1 Deficiência visual e sexualidade

Nas famílias, em concordância com o modelo mais geral de formação, não se trata da sexualidade com o deficiente visual, criando, até mesmo, uma indevida aproximação da deficiência com ideia de doença, como exemplificou a pesquisa de Lebedeff (1994, p. 32). O tema da sexualidade é omitido ou transformado em questão sigilosa a ser tratada discretamente com um responsável. A dificuldade não se encontra na deficiência visual, mas sim nos tabus ainda presentes no contexto familiar. Um vidente tem, possivelmente, mais oportunidades de aprender sobre a sexualidade a partir de outros contextos, no contato com pessoas de fora do núcleo familiar.

As famílias de deficientes visuais sofrem também do desejo superproteger seus deficientes (GIL, 2000, p. 57). O temor de que a vulnerabilidade da deficiência visual os coloque em situações vexatórias ou de violência, quase sempre, cerceia a convivência do deficiente visual com outras pessoas e ambientes, concentrando-se apenas na família, na escola e, por vezes, na igreja. Tudo isso gera no deficiente visual uma lacuna acerca da sexualidade, pois, se em casa o tema não é tratado, na escola costuma ser omitido e na igreja condenado. De alguma maneira, parece que a deficiência física é estendida à sua sexualidade (MOURA; PEDRO, 2006, p. 221).

Bruns, em pesquisa realizada com mães de deficientes visuais, constata que:

nota-se que as barreiras ocorreram não só, mas também porque as mães não sabiam o que falar, em nível de formação, o que, por si só, favorece o silenciamento, mas a moral repressora que habita os recônditos do nosso ser encarrega-se de marcar, com o distanciamento e vergonha, uma relação que poderia vir a ser de esclarecimento, aproximação, compreensão e imbuída de autenticidade. (Bruns apud MAIA, 2006, p. 227).

É na adolescência que a questão da sexualidade, vivida e experimentada desde o nascimento, aflora para o deficiente visual como mais um desafio. A sexualidade está marcada não só pelo conhecimento de si, mas também pelo conhecimento do outro.

Como um deficiente visual experimenta a sexualidade? De forma semelhante aos não-deficientes! Há inúmeras mudanças corporais nem sempre compreendidas, há sentimentos de inadequação ao próprio corpo, há desejos que se revelam fortemente, causando surpresa, há dúvidas sobre a própria identidade. Nem mesmo a desinformação pode ser considerada como diferença, pois, se por um lado, a ausência de visão somada à superproteção familiar, gera deficientes visuais que não se compreendem como sexualmente capazes para uma relação; no caso dos videntes, o fato de terem acesso à informação visual não assegura um diálogo livre com os familiares acerca da temática. “A grande diferença consiste, todavia, na forma como a sociedade encara a sexualidade da pessoa com cegueira, e não na maneira como o deficiente visual vivencia sua sexualidade” (FRANÇA; SOUZA e AZEVEDO, 2003, p. 180).

Quando se trata da questão da homossexualidade talvez se experimente um quadro ainda mais restrito, pois uma orientação sexual que diverge da normativa heterossexual tende a não ser bem aceita pelos familiares dos deficientes visuais. Não se opera uma rejeição, mas se experimenta um dilema onde em nome da superproteção se teme o futuro do deficiente visual.

2 Casa e escola: espaços metafóricos

Produzido pela Lacuna Filmes o vídeo “Eu não quero voltar sozinho” faz parte do Programa Cine Educação, parceria com a Mostra Latinoamericana de Cinema e Direitos Humanos, tendo como objetivo a formação do cidadão através do processo pedagógico interdisciplinar. O material é voltado para professores, favorecendo a livre escolha de materiais mais condizentes para o trabalho docente (Ribeiro, 2011).

“Eu não quero voltar sozinho” narra de maneira delicada e sensível o momento de descoberta homossexual por parte do deficiente visual Leonardo. Ambientado no espaço escolar, o filme mostra inicialmente como Leonardo é excluído em sua sala de aula, tendo ali apenas uma grande amizade com Giovana (Gina). É essa aluna quem o acompanha no retorno da escola até sua residência. O cotidiano escolar, já conhecido por Leonardo, sofre uma alteração quando chega um novo aluno para a escola: Gabriel. A princípio também hostilizado por ser novato.

No filme não há nenhuma evocação da família de Leonardo, o deficiente visual, ou de pessoas que poderiam compô-la. Em todas as cenas ele retorna para uma casa que se encontra vazia.

Mostra-se somente o portão de acesso a casa e o quarto. E, além dos dois, apenas menciona-se o banheiro. A casa é metáfora da relação do adolescente deficiente visual, que se descobre homossexual, com a sua família.

Na narrativa não se deixam pistas sobre onde estariam os familiares de Leonardo. É como se eles não existissem. O adolescente encontra-se solitário, em conflito e numa experiência estruturante (TANIS, 2003, p. 81). Nessa solidão experimentada por todos os adolescentes em relação ao próprio conhecimento e formação da identidade, manifesta-se a busca interior, as tensões iniciais de saber-se igual, mas também diferente.

Na metáfora da casa vazia o filme expõe as contradições do ambiente familiar: superproteção que gera no adolescente com deficiência uma ausência de autonomia. Pode-se falar de um cuidado que não cuida, pois embora se passe a impressão de que há um cuidado com o desenvolvimento do filho ou filha, na verdade, a privação constante do contato com os conflitos e desafios gera neles uma insegurança. Na fase da adolescência, quando se faz necessário, certo rompimento familiar para se assumir a identidade pessoal, os deficientes visuais vivem uma angústia por terem sido excessivamente fragilizados.

Ainda sobre o espaço da casa, transita-se diretamente da fachada para o quarto. Podemos ver aí a manifestação da sexualidade. Os estereótipos em relação a gênero lidam sempre com a “fachada” das pessoas. Julga-se se alguém é hétero ou homossexual apenas por olhares, por avaliar se uma determinada pessoa assume o comportamento esperado culturalmente a partir da determinação física de ter nascido com a genitália masculina ou feminina, associando gênero a sexo (GIDDENS, 1993, p. 216).

Entretanto, existe o quarto! É na intimidade da pessoa que se revelam conflitos relacionados à adequação ou inadequação da experiência física. O homossexual sabe-se com um sexo e deseja pessoas desse mesmo sexo. Na sua intimidade vive o sentimento de inadequação à ordem vigente. De alguma maneira, pode sentir-se como um rebelde ou contraventor, pois conhece o que se espera de sua pessoa, posto que nascido com pênis ou vagina.

O conflito interno acerca da homossexualidade poderia ser amenizado e amplamente acompanhado caso as famílias tivessem mais sensibilidade para tratar sobre a questão. Porém, como no caso dos videntes, as famílias tendem a delegar a informação sobre sexualidade para outros meios oficiais, como a escola ou psicólogo, ou informais como os meios de comunicação. Leonardo vive na intimidade do quarto o saber-se em processo de

enamoramento por um colega de escola. Ele elabora essa chama afetiva que o impulsiona a perguntar-se sobre a própria beleza e sobre a beleza do outro. A sequência de duas cenas mostra Leonardo na penumbra do quarto, deitado, sentado, pensando, sentindo, apaixonando, enamorando, amando, descobrindo-se, construindo-se.

Os diálogos entre os adolescentes se passam, principalmente, ou na intimidade do quarto ou no corredor da escola. O corredor permite a ideia de amplitude, de transição, de movimento, de liberdade de expressão, mas também de constantes olhares que se entrecruzam, se observam, se aproximam e se distanciam. O corredor, como o pátio, na maioria das escolas, transforma-se em espaço para manifestação dos afetos.

3 “Como assim apaixonado?”

A homoafetividade de Gabriel e Leonardo é expressa por detalhes como estudar juntos, conduzir o colega pelo caminho de retorno da escola, pequenas lições de braile onde as mãos dos dois se encontram, cochichos na escola. Em uma das cenas evidencia-se como o deficiente visual, utilizando de outros recursos, alcança o conhecimento do outro. Enquanto Gabriel vai ao banheiro, Leonardo cheira, afaga, acaricia o agasalho do colega. O foco da câmera mostra que Gabriel percebe a situação, mas silencia, apenas observando. Da cumplicidade vai se delineando o enamoramento dos dois.

O processo de enamoramento por parte de Leonardo exige dele uma verbalização que encontra apenas silêncio por parte de sua confidente Gina. Expressão de todos os silêncios que selam muitas das primeiras declarações homossexuais. O não saber o que dizer diante da declaração de Leonardo é o retrato da reação social de milhares de pessoas que se sentem frustradas ao perceber que o outro não corresponde às suas expectativas, que em sua autonomia de amante-amado escolhe outra pessoa a direcionar seus afetos.

Outra reação de Giovana, quando consegue falar, é perguntar “como assim apaixonado?” ao que Leonardo explicita tratar-se de “apaixonar-se de namorado”. Ao constatar o possível desejo de namoro gay do colega, Giovana parte em retirada abandonando Leonardo sozinho em sua sala de aula. Ao declarar-se homossexual o deficiente visual experimenta os mesmos dilemas de um vidente, os mesmos preconceitos e reações adversas. A saída rápida da amiga

aponta para os diversos rompimentos sociais que se dão imediatamente ao momento em que se assume a homossexualidade.

O clímax do filme se dá quando, após ter voltado sozinho para casa, Leonardo no quarto percebe que alguém ali entra e imagina tratar-se de Giovana. Ele questiona o fato de ter ficado só. A justa expressão de seu sentimento de desamparo, de solidão, de ver-se isoladamente lançado ao mundo apenas pelo fato de ter sido sincero consigo e com os outros. Fala sobre sua dúvida se deveria ou não ter declarado que está apaixonado por Gabriel. Porém, não é Giovana quem está ali. A pessoa que entrou no quarto foi Gabriel que, sem dizer uma só palavra, beija Leonardo e sai em silêncio. A imagem de um relacionamento que rompe com as palavras, se expressa ainda de forma muito singela, acanhada, mas que está aberto às novas possibilidades. O amor é correspondido, mas Leonardo não sabe que é Gabriel.

4 “Você tá aí? Então anda!”: pistas pedagógicas inclusivas

A escola permanece um espaço em que a temática sexual ecoa no vazio, na solidão individual (MAIA, 2001). Se diante das manifestações mais corriqueiras da sexualidade há dificuldades por parte dos educadores, quanto mais diante da possibilidade de um deficiente físico, particularmente aqui o deficiente visual, manifestar-se homossexual.

No filme aparecem apenas dois professores. Eles são apenas suportes para o desenvolvimento da trama. A situação do ambiente escolar, marcado por certa aridez, contrasta com os retornos para casa quando brincam sobre preferências de cada um: “Você prefere que um mosquito entre na sua boca ou perder toda a sua mesada?” O caráter reflexivo encontra-se presente nas brincadeiras do trio, mas talvez não possa ser encontrado nos rígidos conteúdos escolares.

A curiosidade é instrumento natural nesse processo de aprendizado lúdico. Leonardo sente-se solto para junto experimentar suas preferências e rir dos desafios propostos. Curiosidade que também é expressa na brincadeira de esconde-esconde que realizam no quarto de Leonardo. Este último é que tateando procura os colegas no quarto, adivinhando que está ali através do miado emitido por quem se escondia. O jogo de descoberta aponta para o universo do conhecimento prazeroso, informal, afetivo.

A pergunta de Leonardo, “Você tá aí?”, seguida do imperativo “então anda”, sugere a questão da presença do outro como guia e aponta para um itinerário pedagógico. Primeiramente é

preciso se colocar ao lado; depois é preciso caminhar! O processo de educação inclusiva de deficientes visuais pode se apropriar dessa imagem.

O educador deve se colocar ao lado do deficiente visual. O permitir ser tocado pelo outro, tanto fisicamente, quanto afetivamente, é imprescindível para a inclusão do deficiente visual. Se ser pedagogo é, etimologicamente, o acompanhar a criança, conduzi-la, pode-se propor que o educador inclusivo sabe-se na condição de acompanhante, de parceiro na caminhada.

O colocar-se ao lado exige também sincronia nos passos. Embora o deficiente visual possa utilizar uma guia metálica, ele necessita que as passadas do educador estejam em seu ritmo, evitando atropelos, prevendo sobressaltos. Ao descer ou subir uma escada, o guia vai à frente e pelo movimento é possível ao deficiente visual perceber as alterações do percurso. O educador caminha sim à frente, tem também claros os objetivos e métodos, tem ciência do seu fazer como ato de educar. Nos quênions da educação cabe ao educador andar pacientemente com o deficiente visual para que o educando apreenda a beleza da vida, o sabor/saber do aprendizado, o gosto pelo conhecimento. Subindo e descendo vai se vencendo um obstáculo por vez e juntos parturiando a novidade dos avanços.

“Então anda” pode ser também um convite à mobilidade tanto dos conteúdos como do próprio educador-educando. “Permita-me caminhar!” é talvez o grande grito dos diversos deficientes visuais. É imperativo em relação ao se trabalhar a questão da sexualidade com os deficientes visuais, de modo a proporcionar-lhes informação, cultura, prevenção, autoconhecimento e autonomia para suas vidas.

Os homossexuais deficientes visuais experimentam a escola como espaço em que podem verbalizar sobre a sexualidade. Experimentam também a necessidade de se romper preconceitos expressos em falas pejorativas ou falsamente piedosas: “Além de ceguinho é viado!?” “Coitado, Deus não lhe abençoou, imagine, já é deficiente e ainda gosta do mesmo sexo... vai sofrer muito!”.

O mundo dos homossexuais deficientes visuais é caracterizado por uma interioridade que utiliza de outros sentidos para conhecer, enamorar-se e amar. É caracterizado também por batalhas para conseguir concluir os estudos e manifestar uma inteligência que ultrapassa os conceitos fechados de muitos videntes. Por parte dos educadores, espera-se uma postura crítica que não ceda ao meramente aparente, mas que acolha o homossexual deficiente visual como pessoa que pode viver plenamente sua sexualidade.

Omitir-se diante da orientação homossexual de um deficiente visual não é fazer-se cego à questão da sexualidade. Usar tal expressão seria uma ofensa a todos os deficientes visuais. Omitir-se diante da orientação homossexual, seja de um vidente ou de um deficiente visual, é assumir a postura da ignorância e negar a curiosidade proporcionada pela cegueira; optar pelo lugar do preconceito e negar a sábia instabilidade da cegueira; satisfazer-se com o conforto da heteronormatividade e negar a liberdade e crítica típicas do deficiente visual que não se incomoda com o olhar alheio. Dizer que “cego é quem não quer enxergar” é novamente propor uma postura preconceituosa. O deficiente visual homossexual enxerga a sua sexualidade e é capaz de ver o mundo através de outros sentidos tão apurados quanto à visão de um vidente. A sexualidade, tida por muitos como terreno obscuro, pode aflorar como luminosidade a partir das vivências integradoras de sua homossexualidade.

Considerações finais

O filme “Eu não quero voltar sozinho” oferece ampla possibilidade para o debate sobre educação inclusiva, homossexualidade e deficiência visual. A abordagem apresentada no documentário permite novas aproximações da temática e deixa vasto campo simbólico, favorecendo a criação de metáforas.

Homossexuais deficientes visuais ou deficientes visuais homossexuais experimentam caminhos de descoberta da sexualidade marcados por dilemas similares aos dos videntes, contudo experimentam de forma mais complexa a orientação homossexual, pois sentem fortemente o peso da heteronormatividade e da heteronormalidade.

A partir da condição de deficiente visual buscou-se sugerir pistas para um efetivo trabalho educativo que favoreça à livre expressão da pessoa, considerando todas as suas necessidades e valorizando suas vivências e expressões da sexualidade. Na expressão alegre de Leonardo, que se descobre homossexual, a certeza de que a vida pode ser mais simples e bela se não nos deixarmos subordinar por tantas regras e normas preconceituosas que não têm outra serventia senão cercear a possibilidade de realização e felicidade pessoais.

Do escurinho do cinema, cotidianamente possibilitado pela retinose pigmentar, buscou-se iluminar uma questão que ainda exigirá de todos os educadores uma revisão de suas práticas e teorias, um processo de transformação dos conceitos e ações. A escuridão das excessivas

regras e normas que insistem em determinar o que é certo ou normal pode ser iluminada com o curta-metragem, oferecendo possibilidade para se questionar sempre, afinal, nenhuma pessoa, vidente ou não, quer voltar sozinha...

Referência bibliográfica

DOMINGOS, V. T. et alii. Sexualidade: um estudo com portadores de deficiência visual. **Akrópolis**, Umuarama, v. 15, n. 3, p. 125-140, jul./set. 2007.

FIGUEIREDO, M. X. B. **A corporeidade na escola**: brincadeiras, jogos e desenhos. 9. ed. Pelotas: UFPel, 2009.

FRANÇA, D. N. O.; SOUZA e AZEVEDO, E. E. de. Imagem corporal e sexualidade de adolescentes com cegueira, alunos de uma escola pública especial em Feira de Santana, Bahia. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, vol. 2, n.2, p. 176-184, jul./dez. 2003.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

GIL, M. (org.). **Deficiência visual**. Brasília: MEC. Secretaria de Educação a Distância, 2000.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo com o toque: reflexões e sugestões para uma educação sexual adaptada ao portador de deficiência visual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 1(2):31-7, 1994.

LUCON, N. **Outros sentidos (Parte 1)**: a rotina, os amores e o armário de gays cegos. Disponível em: <http://nlucon.blogspot.com.br/2011/08/-outros-sentidos-parte-1.html>. Acesso em: 10 de julho de 2012.

MAIA, A. C. B. Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.7, n.1, p. 35-46, 2001.

_____. **Sexualidade e deficiências**. São Paulo: UNESP, 2006.

MOURA, G. R. de; PEDRO, E. N. R. Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade. **Revista latino-americana de enfermagem**, 14(2), mar./abr. 2006, p. 220-6.

TANIS, B. **Circuitos da solidão**: entre a clínica e a cultura. São Paulo: Casa do Psicólogo/FAPESP, 2003.

VIEIRA, C. S. **Alunos cegos egressos do Instituto Benjamin Constant (IBC) no período de 1985 a 1990 e sua inserção comunitária**. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher) 346 f. – Instituto Fernandes Figueira, Rio de Janeiro, 2006.

Curta-metragem:

Eu não quero voltar sozinho. Direção de Daniel Ribeiro. Produção de Diana Almeida. São Paulo: Lacuna Filmes, 2010. DVD. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=1Wav5KjBHbI>. Acesso em: 28 de junho de 2012.

Eu não quero voltar sozinho. Direção de Daniel Ribeiro. Produção de Diana Almeida. São Paulo: Lacuna Filmes, 2010. DVD. Disponível em: <http://www.audiodescricaoemvideo.com/2012/05/eu-nao-quiero-voltar-sozinho-com.html>. Acesso em: 15 de julho de 2012.